

**“MENINAS DO B” NO CADERNO DE CULTURA DO  
JORNAL DO BRASIL DA ABERTURA POLÍTICA (1974-85)**

Patrícia Ferreira de Souza Lima\*

**RESUMO**

A trajetória do *Caderno B* do *Jornal do Brasil* (1960-1985), por seu papel inovador na imprensa brasileira, oferece ao historiador um material *sui generis* para interpretar toda uma geração jornalística, com impacto até a atualidade. Além de constituir um espaço da mídia impressa em que, por excelência, o gênero feminino se destaca - tanto pela história de sua criação a partir do *Suplemento Feminino*, quanto pelo tipo de matéria e profissionais envolvidas -, o *Caderno B* conseguiu repercussão nacional em sua época. Ao mesmo tempo, mostrou estar afinado com o comportamento e cultura cariocas, especialmente da Zona Sul, em matérias assinadas por uma equipe majoritariamente composta por mulheres, as primeiras jornalistas formadas em Comunicação, que ali construíram significativas carreiras. Especialmente nesta última fase, eram conhecidas como “as meninas do B”.

**Palavras-chave:** imprensa; mulher; geração; cultura

**ABSTRACT**

The trajectory of *Caderno B* on *Jornal do Brasil* (1960-1985), for her breakthrough role in the Brazilian press, offers the historian a *sui generis* material for interpreting whole journalistic generation, with impact to the present. In addition to being an area of print media in which, of course, the female stands out - both the history of its creation from the *Suplemento Feminino*, as the type of material involved and professionals - the *Caderno B* managed national impact in their time. At the same time, proved to be in tune with the behavior and Rio culture, especially in the South Zone, in matters signed by a mostly-female team, the first journalists formed in Communication, who built meaningful careers. Especially in this last phase, were known as "meninas do B".

**Keywords:** press; woman; generation; culture

---

Artigo recebido em 21 de março de 2015 e aceito em 23 de março de 2015.

\* Professora do ensino básico, técnico e tecnológico do Cefet - UnED Petrópolis desde fevereiro/2015. Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ (2012). Doutora em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ (2011). E-mail: lima.patriciasouza@gmail.com

No edifício-máquina  
Da maior avenida,  
Devolvendo ao tempo  
O testemunho do tempo.  
(Carlos Drummond de Andrade)

A trajetória do *Caderno B* do *Jornal do Brasil* (1960-1985), por seu papel inovador na imprensa nacional, oferece ao historiador um material *sui generis* para interpretar toda uma geração jornalística, com impacto até a atualidade.

Além das importantes transformações gráficas durante a reforma do *Jornal do Brasil* no final da década de 1950, há a incorporação de profissionais de vanguarda nas artes plásticas, de escritores de renome e de um contingente expressivo de jornalistas mulheres. Esse conjunto de fatores consolida uma nova forma de apresentação das matérias de cultura e revela traços que permitem entender em que consiste a experiência dos segundos cadernos no país.

Mediante a leitura crítica de edições diárias, divididas em três fases específicas (LIMA, 2006)<sup>1</sup>, o caderno de cultura do *Jornal do Brasil* oferece matéria prima para novos tipos de público e de anunciantes. Além de constituir um espaço da mídia impressa em que, por excelência, o gênero feminino se destaca - tanto pela história de sua criação a partir do *Suplemento Feminino*, quanto pelo tipo de matéria e profissionais envolvidas -, o *Caderno B* conseguiu repercussão nacional, obrigando outros veículos a criarem cadernos similares. Ao mesmo tempo, mostrou estar afinado com o comportamento e cultura cariocas, especialmente da Zona Sul, durante a terceira e última fase.

Em paralelo ao momento de redemocratização da política nacional, o *Jornal do Brasil*, nesse período de 1974 a 1985, compreendido por determinada chefia de redação que lhe caracterizou, começa a sinalizar uma crise interna. Em parte pela falta de retorno dos investimentos na nova sede da avenida Brasil, mas também pela possibilidade frustrada de inaugurar o pretendido canal de televisão, que lhe teria proporcionado uma guinada ascendente em relação ao mercado. Possuir um veículo de comunicação áudio-visual importava no contexto da época, pois a imprensa então tendia a se render à crescente indústria cultural, que pede cada vez mais matérias de serviço, tornando todo o processo de impressão e distribuição caros. Para alcançar um número maior de brasileiros com poder de compra, uma opção era formar um verdadeiro complexo jornalístico, como outras empresas o fizeram. E contar com um canal de televisão, para divulgar seu produto sem ônus, era o trunfo do *Jornal do Brasil*.

---

<sup>1</sup> As três fases do *Caderno B* do *Jornal do Brasil* foram pautadas especialmente por mudanças na chefia de redação, impulsionadas pelas demandas conjunturais da imprensa de então, e então delimitadas por estes períodos: 1960-64, 1965-73 e 1974-85.

A instabilidade se reflete na redação. Walter Fontoura, o novo editor-chefe, fecha o Departamento de Pesquisa da administração anterior e começa a mudar a direção das prioridades. Não só outra qualidade de apuração e aprofundamento de texto para veicular notícias, mas também medidas internas que levam a uma perda mais irreparável, conforme a instabilidade dos futuros editores que substituirão Walter Fontoura em curto tempo irá testemunhar.

Nesse contexto, o *Caderno B* é editado por um jornalista participante da reforma da imprensa: Humberto de Vasconcellos. Funcionário antigo do *Jornal do Brasil*, era editor da seção *Internacional* na chefia de Alberto Dines (1962-73). Foi alocado no segundo caderno não por conta de ligação ou afinidade com o universo da cultura, mas pela ampla visão de mundo, pela experiência em lidar com línguas estrangeiras e por conhecer outras culturas que não a brasileira. Era na essência um jornalista.

A partir de então, somente os profissionais com formação superior em Comunicação Social poderiam ser contratados pelas empresas jornalísticas brasileiras. E quem comprovasse determinado tempo de trabalho em jornalismo também deveria procurar se registrar no sindicato. Vasconcellos, que vai coordenar o *Caderno B*, será responsável por equilibrar a nova equipe em formação com os antigos membros. Os novos viriam substituir o considerável número de pedidos de demissão que o *JB* recebeu depois da saída de Alberto Dines. Dentre estes, abre-se uma oportunidade especialmente proveitosa para as mulheres que, recém-formadas, candidatam-se para os segundos cadernos. Os textos do *B* são agora escritos majoritariamente por uma equipe composta por profissionais formados em faculdades de Comunicação Social. Como benefício, ou encargo individual – retirando a responsabilidade da empresa de responder sozinha pelo que saía escrito – os textos de todo o jornal vão passar a ser assinados.

A edição propriamente dita do *Caderno B* muda pouco, mas é significativo o aumento do número de páginas para caberem matérias sob indicação de agências de publicidade, ou aquelas em que é imperativo comparar preços do mercado de moda, acessórios, beleza, automóveis e casa. No lugar do comportamento e das tendências de moda, entram primeiras páginas elaboradas pelas “meninas do *B*” com indicações de nomes de empresas e seus respectivos custos nas lojas da Zona Sul carioca.

Justamente por esta expressão - “meninas do *B*” -, cunhada nas páginas do *Pasquim* e presente em muitas crônicas do jornalista Ivan Lessa, exaltava-se o charme dessas mulheres. Todas passam a identificá-las assim. Ou, outras tantas vezes como “jotabetes”, mais freqüentemente a partir de meados dos anos 1970. Devido ao *Caderno* ter grande repercussão nos eventos da cidade, dos quais as

“meninas” participavam ativamente, e também pela revolução comportamental dentro da redação de um jornal tradicional, conservador e católico, mas sempre flexível aos tempos e seus contextos, nota-se uma mudança: elas começam a usar calças compridas para trabalhar, e não saias como até então. Segundo Lena Frias, “o *Caderno B* era uma passarela” (2002)<sup>2</sup>.

A mulher brasileira de classe média, representada nesse grupo de jornalistas, parece não se sentir mais confortável em ser vinculada às seções fixas específicas para ela, apesar de matérias de outra natureza esparsas pelo *Caderno*. Mara Caballero conta que, em 1975, quando entrou para o jornal, havia uma página chamada *Mulher*, da qual “tinha horror”, pois dava a entender que a elas só interessava aquele pequeno espaço (2002). Parecia-lhe que o jornal era dividido em política, economia, crítica e mulher.

Em seu primeiro dia de trabalho, o editor logo perguntou se Caballero poderia sugerir um assunto para a primeira matéria. Ela não titubeou ao lembrar de uma loja de Ipanema, em especial. Lá vendiam-se produtos engraçados e baratos: ela acabava de identificar o que talvez tivesse sido o primeiro brechó do Rio de Janeiro. Essa descoberta - utilizando jargão habitual entre os jornalistas hoje para significar que a sugestão era boa e merecia um espaço no jornal - “rendia” uma bela matéria, já que aliava no mesmo texto comportamento, moda, cidade e novidade. Melhor justificativa para a pauta pedida e que essa saísse nas páginas do *B* não havia. No dia seguinte, quando abriu o jornal, para sua extrema decepção e motivo de choro - reação feminina -, seu texto saiu justamente na seção *Mulher*: “porque tudo o que eu não queria fazer era esse jornalismo feminino” (CABALLERO, 2002). Mas esse espaço que parece ter ressurgido não durou muito, foi logo abolido. As “meninas” ganhavam espaço, e respeito na releitura do segundo caderno.

Elas assinam cada vez mais matérias, opinam, inventam e divulgam moda nas páginas do jornal. Ali começaram a trabalhar novatas na profissão, como Mary Ventura, que trabalhou no *B* de 1972 até 80, responsável pelas duas páginas diárias de serviços, ou de outro lado, Lena Frias que inicia na equipe de redatores da pesquisa do *JB*, como apuradora, mas que, em 1973, junta-se às demais. Contudo, resta antecipar que, a despeito das mulheres serem maioria, nenhuma conseguiu para si um cargo de chefia no segundo caderno do *Jornal do Brasil* até que Regina Zappa assumisse essa

---

<sup>2</sup> Ao longo dos anos de 2002 a 2004, realizei uma série de entrevistas com jornalistas da equipe do *Jornal do Brasil*, ou familiares, para a pesquisa da tese de doutorado do qual este artigo apresenta parte dos resultados de reflexão a respeito dos segundos cadernos na imprensa (1960-1985). Algumas são aqui sinalizadas pela sobrenome do entrevistado e apenas com o ano da gravação, mas as referências completas encontram-se no final do texto.

editoria em 1996 (ZAPPA, 2002)<sup>3</sup>. O campo da cultura parece admitir uma abertura maior do que o da política, quando se trata ao menos do espaço administrativo do jornal. Graças a essa visão, no entanto, houve a possibilidade de uma intervenção feminina nos costumes jamais vista até então.

Todavia, como em qualquer processo social, as mudanças se desenrolam de forma gradual. Na esteira da reformulação dos quadros da grande imprensa, quem passa a regular na mídia impressa, em linhas gerais, o padrão da identidade da mulher brasileira são jornalistas femininas. Serão elas as responsáveis, através da escrita, por manter as leitoras do *Jornal do Brasil* mais uma vez atualizadas com as tendências da moda, por exemplo. Com a regulamentação da profissão, abre-se vasto mercado e começam a disputar ocupações outrora dominadas pelo gênero oposto. Fruto do acesso mais livre às universidades, algumas mulheres optam por profissões em que podem exercer o gosto pela escrita e que não as obrigariam a ficar presas ao ambiente de um escritório, sem contar no mencionado *status* que o jornalismo adquirira da década passada ao redimensionar seu papel na sociedade.

Da releitura das ideias da francesa Simone de Beauvoir, o lema “diferentes, mas não desiguais” difundiu-se nos mais diversos países em prol da construção de uma sociedade igualitária (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000: p. 229). Devido à mobilização geral, na cidade do México, com presença de delegações de diversos países incluindo o Brasil, a Organização das Nações Unidas promoveu um encontro nacional para discutir o papel da mulher na sociedade, instituiu o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, e declarou os anos de 1975 a 85 a Década da Mulher em todo o mundo. A despeito do surgimento da nova onda feminista, Guacira Louro comenta que

o aparecimento do conceito de gênero nos trabalhos acadêmicos provoca algumas turbulências nesse cenário. Se por um lado sugeria, de modo mais imediato, uma ancoragem teórica, por outro parecia implicar uma abrangência que poderia representar um novo ocultamento do sujeito feminino (1996).

---

<sup>3</sup> Quem pode ter sido a primeira mulher com o cargo de editora de um segundo caderno é Germana de Lamare, no *Correio da Manhã*, de 1967 a 1973-74. Ela mesmo conta que, no ano de 1972, foi muito importante fazer uma matéria sobre o que chama de “revolução do biquíni”, na qual o interessante não era o biquíni em si, mas a sensualidade da mulher. O *Correio da Manhã*, como o *JB*, era dirigido por uma mulher, Niomar Bittencourt, que tinha a fama de sustentar com pulso firme as críticas ao governo vigente. No mesmo tom eram as matérias escritas por Germana, falando até sobre tratamento de feridas de ataques de cães raivosos ou as características de feras como leão e pantera. Em 1970, dizendo-se exausta do trabalho no jornal visado pelos militares, Germana foi escrever na coluna social chamada *O Balaio*, na qual cobria as artes plásticas, até que o jornal feche em 1974. Sua separação em 1975, logo depois, foi acompanhada de nova guinada na vida dela, pois passa a estudar Psicologia na UERJ. Fez pós-graduação em Psiquiatria e Psicanálise pela mesma universidade, atende em seu consultório, e voltara a escrever para *O Dia*, sobre o editorial de política, às segundas-feiras, quando a entrevistei em 2002. Quanto a Niomar, depois de assumir o *Correio* do marido, foi presa e processada em 1969, considerada *persona non grata*, como o jornal também perseguido pela atuação política de confronto direto com o regime político militar. Ela decide abrir mão de sua função no Museu de Arte Moderna, arrendar o jornal sufocado em dívidas, e se exilar em Paris. Volta em 1978, quando houve um incêndio no prédio do MAM. No final da vida, foi muito auxiliada pelo neto Mauro.

Contudo, nas ruas, um número elevado de mulheres participa ativamente de práticas coletivas reivindicativas como: o Movimento Nacional contra a Carestia, em 1968; o Movimento de Luta por Creches, em 1970; o Movimento Brasileiro pela Anistia, em 1974; além dos Grupos Feministas e dos Centros de Mulheres, criados a partir de 1975 (GIULANI, 1997: p. 649). Foi criado também o Centro da Mulher Brasileira, que, junto aos jornais paulistas *Brasil Mulher* (1975-80), *Nós Mulheres* (1976-78) e *Mulherio* (1981-86), representam somente uma parte das produções voltadas para a discussão da questão feminina. Até o final da década de 1980 manifestações continuaram progressivamente a defender os direitos de mulheres negras, trabalhadoras da área sindical, lésbicas, e a instigar judicialmente a coibição da violência doméstica, além da legalização do direito ao aborto. Foram centenas de grupos espalhados por todo o Brasil, muitos deles na forma de organizadores de congressos regionais ou nacionais, filiados ou não a instituições acadêmicas.

O interesse dos historiadores cresce especialmente a partir de meados dos anos 1980, com o reconhecimento do “gênero” como uma categoria de análise usada em tendências historiográficas emergentes como a história cultural. Este tipo de estudo, que coloca lado a lado a mulher e a moda no tempo, como o aqui empreendido para o *Caderno B do Jornal do Brasil*, contribui, como afirma Maria Izilda Matos,

para a ampliação do conhecimento histórico acerca do objeto, levando à descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas na trama histórica (MATOS, 1998: p. 69 e 71)

Apesar da conquista do voto feminino em 1932, Giuliani lembra que as vozes femininas só ganharam altura para serem atendidas nos pleitos de maior igualdade no período entre os anos de 1979 e 85, quando a oportunidade de trabalho e atuação social e política para ambos os sexos começa a se equiparar (1997: p. 644). De acordo com sua pesquisa, o que ocorre é uma revisão da imagem social da feminilidade:

Difundem-se novas proposições que reafirmam o princípio de equidade entre os sexos e são debatidas modificações na ordem cultural e jurídica. Nesse percurso, às vezes tortuoso, aparecem com maior clareza os limites daquilo que seria próprio das mulheres, daquilo que lhes seria reconhecido, permitido ou atribuído como característico de sua ‘natureza social’ (...) Chega-se à consciência de que qualquer definição dos papéis, da imagem, da identidade e dos códigos de comportamento da mulher, é instável e transitória, já que tais concepções são o resultado do confronto entre os valores dominantes e os anseios de mudança (GIULANI, 1997: p. 649).

A adequação estabelecida entre a demanda da mulher na sociedade e o seu desempenho no trabalho no ramo jornalístico se dá de forma constante, assim como a influência da crescente presença feminina nas decisões editoriais do *Caderno B*, conforme veremos aqui. A geração de jornalistas femininas na imprensa desponta com a regulamentação da profissão, em 1969.

**Grupo de notáveis.** A partir dessa década, o jornalismo, tal como se dá na medicina, arquitetura, direito ou pesquisa científica, começou a se transformar em um mercado de trabalho predominantemente exercido pelo gênero feminino, proporcionado por alterações na vida econômica, que repercutiram na estrutura de emprego nacional (ABREU, 2006: p. 9). Especificamente em São Paulo, sabe-se que a presença de jornalistas mulheres na capital foi aumentando de apenas 7% em 1950 para 10% em 1970, para 40,2% em 1980, até atingir maioria em 1990: 64,8% contra 35,2% de homens (ROCHA, 2001: p. 4), segundo dados apresentados na Primeira Conferência Latino-Americana de Mulheres Jornalistas, promovida pela Federação Internacional e Nacional, e Sindicato dos Jornalistas do Brasil, em maio de 2001. Parece que a tendência não é apenas brasileira. Uma pesquisa baseada em dados fornecidos pelo Sindicato dos Jornalistas em Lisboa, referentes ao mês de setembro de 1995, revela que elas não tinham presença expressiva nas redações portuguesas até 1974, mas já representavam no final do século XX 30% do total dos jornalistas, o equivalente a 1142 mulheres no mercado (SUBTIL).

Esse novo panorama é fundamental para este momento da imprensa brasileira, pois sabe-se que, no *Jornal do Brasil* de fevereiro de 1976, eram quatorze as mulheres da equipe de Humberto Vasconcellos, sendo que elas já representavam a quarta parte dos mil e seiscentos funcionários da empresa, segundo a matéria “A presença da mulher no *Caderno B*” na publicação interna do jornal *Nós do JB*. Perto da comemoração dos trinta anos do *Caderno B*, em 1990, a equipe era formada por trinta e dois profissionais, sendo que vinte deles são mulheres (RITO e TINOCO, 1990: p. 11). Por falta de dados não podemos ampliar a comparação, detalhando a localização dessas mulheres por editorias dentro da redação. A confirmação de que disponho sobre o número representativo de mulheres nos suplementos femininos e segundos cadernos da imprensa brasileira foram obtidas mediante as entrevistas, histórias de vida calcadas no relato de memórias fragmentadas reconstituídas a partir do presente.

A trajetória de Léa Maria Aarão Reis é interessante nesse sentido, pela experiência que teve de trabalhar, desde cedo, na editoria de seções femininas em mais de um jornal. Forma-se, a partir de seu relato, um quadro amplo da participação das mulheres nas décadas de 1960 a de 80; mulheres com

formação acadêmica em jornalismo, mesmo que incompleta, e que indicam e convidam colegas de faculdade para trabalharem em suas editorias.

Léa Maria, desde o início da carreira profissional, foi editora. Sua seção feminina em *O Globo* era composta por mulheres; ela permanece com o mesmo cargo na coluna social do *Jornal do Brasil* e só ocupa uma sub-editoria feminina no *Caderno B* até sua saída em 1972. Outras mulheres além de Léa e Marina passaram a trabalhar no *Caderno B*, que até o final dos anos 1970, era basicamente escrito por mulheres. Lena Frias constata que entrou para o jornalismo no ano seguinte ao da saída de Léa, momento em que estavam chegando às redações uma grande leva de mulheres e homossexuais para trabalhar (2002). Na faculdade, as mulheres também já eram maioria nas salas de aula.

Jornalistas que entrevistei declaram pertencerem a esse perfil, e o nome “meninas do B” não se restringia a uma alcunha limitada ao ambiente profissional. Eram assim reconhecidas nos eventos que divulgavam. Dentro da redação as jornalistas do *Caderno B* eram identificadas não só por adotarem o hábito de vestirem calças e peças do vestuário mais confortáveis para o dia-a-dia de uma redação de jornal, mas por estarem sempre em acordo com as mais recentes tendências da moda, ditadas muitas vezes pelos locais que freqüentavam socialmente e por serem, como sublinha De Lamare, difusoras do bom gosto e do bom hábito de prestigiar eventos artístico-culturais (2002).

Susana Schild confirma que foi na sua geração que as mulheres puderam se estabelecer na redação (2002); o *Caderno B* no final dos anos 1970 era basicamente escrito por elas. Com certa insegurança, Cleusa Maria, uma das meninas do *B* que trabalha no jornal desde 1976, identifica como quarenta os redatores do caderno no final dos anos 1970, sendo que a grande maioria era mesmo composta pelas mulheres. No entanto, Moacyr Andrade, citado e elogiado como excelente redator por muitos entrevistados, tenta amenizar a profusão de mulheres no caderno ao dizer que era apenas uma coincidência reunirem-se determinado número em dada época (ANDRADE, 2002). O parâmetro dele é que hoje as mulheres são maioria na redação, mas naquele tempo era só no segundo caderno, do qual foi por curto período sub-editor de literatura na editoria de Humberto Vasconcelos, de acordo com a declaração de sua segunda esposa, Mara Caballero. Para comprovar seu argumento, Andrade cita uma lista de nomes masculinos que assinaram os textos do caderno, além dele: João Máximo, Sérgio Ryff, Ruy Castro, Cícero Sandroni, Mário Pontes, Juarez Barroso.

Esse equilíbrio entre o que deveria, ou não, ser a nova construção social da mulher nessas últimas décadas do século XX, ainda era titubeante. Clarice Lispector, por exemplo, felicita a



mudança de encaminhamento na proposta feita a ela para que escrevesse uma crônica de comentários dirigida às mulheres. A autora confessa na crônica “Mulher demais”, que temia, a respeito do convite a ela feito, a extensão da palavra feminino: “como se mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada”. Mas complementa:

... minha desconfiança vinha de lembrar-me do dia em que uma moça veio me entrevistar sobre literatura, e, juro que não sei como, terminamos conversando sobre a melhor marca de delineador líquido para maquiagem dos olhos. E parece que a culpa foi minha. Maquiagem dos olhos também é importante, mas eu não pretendia invadir as seções especializadas, por melhor que seja conversar sobre modas e sobre a nossa preciosa beleza fugaz. (LISPECTOR, 1999: p. 108)<sup>4</sup>.

Como sempre, o gênero feminino é aquele mais afim com a administração das lides da casa. Como lembra Léa Maria, até hoje as mulheres se “interessam por assuntos do mundo e domésticos” (2002). Aqui cabe ressaltar que, contrário ao que aconteceu em outras editorias, no segundo caderno as jornalistas não enfrentaram o preconceito dos colegas ou discriminação ao apurar as matérias na rua, talvez pelo fato de lidarem com o meio artístico, acostumado com a presença, produção e opinião delas, refletindo a partir de pesquisa de Alzira Abreu para outras editorias do *JB* (ABREU, 2006: p. 12-13). Mas a definição do ponteiro da balança social reflete, dentro da redação do *Jornal do Brasil*, em equilíbrio do número de mulheres e homens no final do império das “meninas do B”.

As mulheres queriam trabalhar no espaço das matérias culturais, embora apenas aparentemente não houvesse rivalidade alguma entre as “meninas” dos segundos cadernos da imprensa. Aliás, nas entrevistas realizadas, há um encadeamento natural com fatos marcantes da vida pessoal dos jornalistas. Isso acontece em especial com as mulheres, cuja rotina é sensibilizada por casamentos e separações, mas, em especial, pelo nascimento de filhos. Como é um período em que a mulher normalmente se ausenta do trabalho por alguns meses, o ano do parto serve para ancorar alguns episódios cujas datas fogem à memória. Susana Schild trabalhava no departamento de Pesquisa do *Jornal do Brasil*, quando tirou licença-maternidade para ter seu primeiro filho, que nasceu em 1975. Quando volta a trabalhar consegue ser transferida direto para o *Caderno B*, a convite de Mário Pontes, realizando um desejo desde os tempos de faculdade. No caso de Lena Frias, ela só consegue precisar o momento em que é demitida do *Jornal do Brasil* pela primeira vez, quando se lembra de que no ano seguinte se encontrava na Inglaterra e lá teve logo seu único filho, nascido em 1980.

---

<sup>4</sup> Crônica publicada originalmente em *Jornal do Brasil*, 08/06/1968, mas reproduzida no livro *A descoberta do mundo*, em que se compila todas as crônicas de Clarice Lispector para o *Caderno B*.

Apesar de não abordar acontecimentos pessoais no roteiro de entrevista - exceto nome e ocupação dos pais, data e local de nascimento, formação escolar -, esses entrecruzamentos entre vida pessoal e profissional são naturais. Principalmente se lembrarmos da constante tendência, acentuada a partir da geração da década de 1980, de casamento entre jornalistas. Mara Caballero casa-se com Moacyr Andrade, em 1976; tiveram um casal, e separam-se mais pra frente no tempo.

Para traçar um paralelo com a época de Heloísa Sabin - que na fase anterior ao *Caderno B*, escrevia matérias de moda, mas pelo privilégio de ser parente, então sob proteção da condessa Pereira Carneiro, dona do jornal, e era a única na redação, tendo fugido do Brasil para se casar em idade já “avançada” para os moldes da sociedade (SABIN, 2002) -, a situação dos desquitados altera-se significativamente a partir da década de 1970, primeiro com o regulamento do registro dos fatos vitais à separação, e depois com a lei que instituiu definitivamente o divórcio, permitindo que os divorciados contraíssem novo matrimônio. Elza Berquó (1998) sinaliza no artigo que, antes de 1977, os censos demográficos indicavam o termo união consensual para aqueles casais que tiveram como única alternativa de nova união após a dissolução de um casamento civil. Tudo durante a vigência dos governos militares, cujas políticas públicas de ajuda às camadas populares focalizavam sobretudo “a família institucionalmente constituída em torno do chefe de família” (GIULANI, 1997: p. 642). Ao fornecer esses dados, Berquó ainda compara a outros para concluir o forte aumento, nos anos 1980, de lares brasileiros constituídos somente de mães e filhos, cujo arrimo provém principalmente do lado materno, como no caso da citada jornalista Mara Caballero.

Outros dois casamentos duradouros surgem dentro do *Caderno*. Foi lá que se conheceram Marina Colasanti e Affonso Romano de Santanna, então redator do Departamento de Pesquisa; que Alberto Dines contrai suas segundas núpcias com a jornalista Norma Couri e que mais tarde forma a família Ventura, com o casamento de Mary e Zuenir, onde o filho Mauro também irá escrever.

As mulheres do *B* seguiram carreira jornalística de destaque. Marina Colasanti é escritora reconhecida de contos, palestrante, com uma coluna de crônicas assinada tempos depois. Mara renovou seu estilo depois de passar por revistas da editora Abril e assumir o caderno *Ela*, com coluna de moda, de *O Globo*. Joëlle Rouchou foi trabalhar em assessoria de imprensa, hoje é pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa e leciona no curso de Comunicação Social na UniverCidade. Maria Lúcia Rangel é assessora de imprensa e trabalha na gravadora Biscoito Fino. De todas as fases, as meninas saíram do *B* para, de fato, conquistar o mundo de trabalho. O que fica evidente é que, enquanto estavam trabalhando no *Caderno B*, eram um coletivo, e isso é importante porque se o

termo “meninas” foi cunhado em torno de 1969, quem lá estava até 1985 também se reconhecia como menina, não importa se já fazia parte de uma geração com outra característica de trajetória de vida profissional.

As charmosas “meninas do B” participaram ativamente, mesmo que de dentro das redações, do movimento feminista em prol da redemocratização e por direitos de cidadania e igualdade em meados dos anos 1980. A “mulher”, que ficara até então de fora de importantes decisões políticas - sendo a reprodução a única função que socialmente lhe foi reconhecida pela história do corpo -, através de seu trabalho procurava a igualdade de direitos entre os gêneros. No entanto, seja pela definição primeira que lhe foi dada em dicionários: a “fêmea do homem” (Diderot, Tommaseo); seja pelo verbete que evidencia a origem etimológica do termo: a “senhora da casa” (Larousse, Treccani), somente historicamente podemos vislumbrar uma mulher que não seja reconhecida exclusivamente em relação a outrem, ao sexo oposto (B., 1984: p. 165). De certa forma, nessas duas décadas e meia, concordo com a perspectiva de Rosiska Oliveira de que “mudou o lugar social das mulheres, mudou sua experiência do mundo. As mulheres invadiram os territórios do masculino, guardando raízes nos territórios do feminino e ficaram, assim, divididas entre passado e futuro, entre memória e projeto” (1989: p. 18). Faltou a essa mulher contemporânea um contorno harmônico que lhe permitisse a totalidade da representação do gênero.

**Na escrita.** A descrição das páginas específicas das matérias de moda publicadas no *Caderno B*, durante todo o período entre os anos de 1960 a 1985, permite que com rápido esboço e usando um pouco o instrumental da análise do discurso, compreendamos um pouco a finalidade da linguagem empregada para os assuntos abordados e o porquê de aparecerem na página dessa ou daquela forma. Fica nítido que o mais importante é se ter um diálogo entre a jornalista e a leitora.

A relação do *Jornal do Brasil* com o público leitor feminino, estabelecido desde sua primeira coluna de moda escrita em francês, continua ainda com mais força a partir da década de 1970 nas páginas do *Caderno B*, e não só na *Revista de Domingo*. No tablóide de circulação interna na redação do *JB* da véspera da inauguração do novo prédio da Avenida Brasil, há um pequeno quadro que informa o perfil do leitor do jornal: homens e mulheres quase se equivalem, pois 52% do total são do sexo masculino e 48% do feminino (*Jornal do JB*, 1971: p. 4); mas, uma vez que os dados disponíveis não correspondem a todo o período estudado, temos que recorrer a alguns pressupostos da análise de discurso e a partir daí fazer outro tipo de avaliação. As características gerais das páginas femininas do

*Caderno B*, incluindo diagramação e conteúdo, fornecem preciosas indicações do perfil das repórteres e leitoras do *Jornal do Brasil*.

Em Paris, Arlette Chabrol contava ainda com a ajuda de Heloísa Alvim Castelo Branco, contratada para auxiliá-la justamente no que parece ser-lhe mais penoso: os desfiles. As matérias em caráter de urgência seguiam por telex, mas a maioria era enviada pela companhia aérea Varig, por isso uma de suas colunas no *Caderno B* recebia o selinho “Via Varig”. Outro subtítulo era *Paris Urgente*. Tendo como acompanhante o fotógrafo Pablo, Heloísa tinha que estar sempre inteirada das tendências vigentes da moda, pois esse era o assunto mais bem-vindo para editoria do *B*.

A cobertura da moda parisiense visava os dois desfiles anuais da alta-costura, e antecipava as tendências das coleções de Laroche, Lapidus e Venet, por exemplo, como na matéria de Heloísa Castelo Branco, “Laroche, Lapidus e Venet, antevisão da moda próxima” (*Jornal do Brasil*, 11/07/1977, *Caderno B*: p. 15). Ou entrelaçamentos de interessantes variações e surpresas envolvendo a alta-costura, para o mesmo ano de 1977:

Pierre Cardin, por exemplo, teve em mente este ano a extrema simplificação da costura em sua coleção: sobre um único tema estrutural, a pelerine, construiu a grande maioria dos seus modelos, desde o mais informal até o mais requintado *habillé*, variando nos tecidos e no acabamento apenas. Um designer bastante lúcido e dono de uma marca de grande sucesso comercial, Cardin começa a se desligar da idéia de alta-costura, propondo o que chamou de *prêt-à-couture*. Yves Saint-Laurent, delirante em brocados e lamês, propondo uma aparência retrô e misteriosa de figuras langorosas e distantes, leva a sofisticação ao extremo e ostenta a própria decadência que envolve a idéia (nem sempre a prática) de alta-costura (Heloísa Castelo Branco. “O melhor das coleções de Alta Costura”. *Jornal do Brasil*, 17/08/1977, *Caderno B*: p. 19).

No dia quatro de janeiro de 1979, Heloísa escreve “Menos volumosa, a mulher se mostra mais”, indicando que, via Varig, Jacqueline e Michel Marinelli redescobriram para a nova coleção o *chemisier* e o bolero: “acabou-se a fantasia nos volumes: a linha está próxima do corpo, que está é roupa de cidade. (...) E o espírito, em princípio, faz um jovem *chic*, que nunca invade de sola o *habillé* nem o esportivo” (*Jornal do Brasil*, 17/08/1977, *Caderno B*). Ao cobrir lançamento de livros e entrevistar os grandes estilistas estrangeiros, a responsabilidade de Heloísa era também esta: a de trazer para o caderno certos ares europeus, imprimindo às páginas um toque de cultura francesa. Mas parece o ofício que não a cativou, já que logo pede demissão para casar e ir morar na Alemanha; o *Jornal do Brasil* foi sua única experiência de trabalho na imprensa. Pouco tempo depois, por volta de 1982, Arlette Chabrol (2003) deixa o *Jornal do Brasil*, porque adota uma criança e optou por ficar

alguns meses afastada do trabalho. A partir de novembro, ela começa a escrever para uma nova revista feminina, chamada *Prima*, para as rubricas de educação e sociedade.

Na sede no Brasil, não deixou de existir outros espaços para a leitora depois de extinta a página *Mulher*, que estavam sendo re-planejados pelos editores em acordo com o contexto sócio-econômico brasileiro. Entre os anos 1970 e 80, embora as seções de moda, culinária e família tenham se dissolvido pelo *Caderno*, o conteúdo mais voltado para a leitora estaria presente em algumas matérias ligadas ao consumo de alimentos e artigos do vestuário. A chave de leitura da página feminina no *Jornal do Brasil* muda novamente: matérias de cunho jornalístico são paulatinamente substituídas por aquelas de serviço, ganham importância as dicas sobre compras, disponibiliza-se endereços, ou seja, de interesses públicos dos artigos de Maria Martha passa-se a uma divulgação privada de serviços e preços, em que não há mais alguém responsável por isso ou aquilo. Assim, nessa terceira fase do *Caderno* saem as colunas personalizadas e seções específicas para as leitoras, e entram em voga páginas e páginas de tendência francesa de moda e muitas matérias de serviço com lições de economia para a mulher moderna que trabalha e precisa organizar bem sua rotina caseira.

Como exemplo, uma página de serviço que poderia espelhar outras dentro da seção *Mulher* ou em momento posterior, somente para ilustrar tons e gêneros de escrita similares, vem com foto aberta de uma mulher na janela de uma Kombi, e anuncia a notícia de que agora era possível se fazer a feira em casa, com serviço cômodo e bom, embora o responsável só atenda no momento no Centro e na zona sul. Abaixo o pé de página que Gilda Chataignier manteve por um tempo, comprado por sua firma que prestava o serviço, onde comentava um pouco sobre a moda e abria espaço para anunciar aqueles que a procuravam para divulgar produtos, com preços e endereços. Durante o Janeiro Fashion Show de 1977, Iesa Rodrigues, do corpo de redatores do *Caderno B*, comenta o desfile paralelo de alto-verão da Blu-Blu, da estilista Marília Walls, que mostrou na sua coleção estamparias taitianas coloridas e vibrantes, bermudas e pareôs, vestidos retos abotoados do lado (*Jornal do Brasil*, 16/01/1977, *Caderno B*: p. 5). Embaixo, Chataignier informa o telefone para anúncio no final da página cinco, e nesse mesmo dia dezesseis de janeiro apresenta a coleção de inverno da Maison D'Ellas, situada em Copacabana, que vende jérseis de lã, veludo *cotelé* liso com estampado, pelerines de veludo; a Kenzo, no mesmo bairro, mistura nos modelos tecido alpaca com cetim, e os tamancos Mônaco para o verão estariam com preços ótimos; a representação das bolsas Christian Dior apresenta linha de sapatos e é a única de São Paulo. Na seção da coluna *Zumzumzum* anuncia-se a nova grife brasileira Scipioni, de Glorinha Pires Rebelo, e seus prêt-à-porter com linha e qualidade de

alta costura, em Botafogo. Lá encontram-se também *chemises* de seda pura para jovens senhoras, adequadas a um almoço *only for women*.

E as “meninas do B” fazem apuração na rua: vão a supermercados cariocas com prancheta na mão para pesquisa de preços. Dias depois dessa página, no final da semana, aparece uma página com título em negrito: “Consumo: alho ou bugalhos?”, que apresenta uma pesquisa de pesos e preços no mercado de alhos (*Jornal do Brasil*, 21/01/1977, *Caderno B*: p. 8). Embaixo, uma tabela cobre quase toda a página com uma Bolsa de Alimentos: valores do custo de gêneros laticínios, salgados como carne seca ou lingüiça, hortigranjeiros, frutas, cereais, massas, café e alimentação infantil, lataria, sucos e bebidas, limpeza e higiene, beleza, tudo nos supermercados Disco, Banha, Sendas, Peg-Pag, Mar e Terra, Intermarchê, cada um deles discriminados pelas Zonas Norte ou Sul. Não só os supermercados começam a aparecer e atrair compradoras assíduas, mas a conjuntura econômica pedia cautela nas compras por de preços consideravelmente diferentes em mais de um ponto. No lado direito inferior da mesma página, havia dicas de onde comprar sapatos e malhas de ginástica em oferta. Mas as tendências de moda continuam a aparecer, embora em matérias muito esporádicas e polarizando entre os gostos feminino e masculino. Interessante é que havia moda masculina nas colunas do século XIX, mas não encontrei significativa menção a ela nem na época da Maria Martha, nem de Gilda Chataignier. Agora homens e mulheres são contemplados em equivalência.

Os anos oitenta foram tempos de exposição máxima do corpo feminino, e pelas areias desfilaram biquínis asa-delta e fios-dentais. Nos anos 70, saias pelos calcanhares; em meados dos 80, mostram-se as pernas, e as saias sobem mais. Há mais liberdade: já não há preocupação com joelhos à vista e os comprimentos sobem-e-descem ao sabor da individualidade, do gosto pessoal, do sentir-se bem e pronto. As cores sempre em tons vibrantes: rosas, amarelos, azuis. Quando o *Caderno B* completou vinte e cinco anos de publicação, no dia quinze de setembro de 1985, saiu com dez páginas, e a escolhida para análise aqui é justamente a décima, em que há somente a matéria “Spy: o estilo que requinta os eternos ‘jeans’”. A matéria cobre toda a página, não há anúncio ou outra seção nesse espaço. Por se tratar de contra-capa, teve tratamento especial de diagramação, ganhando uma moldura de fio grosso. O diagramador optou por fazer um jogo de fotos, sem utilizar ilustrações, e registra não só três manequins, que posam com modelos da grife brasileira, mas, entre o título e o sub-título da matéria, está a foto de Nora Sabba, a estilista responsável pela descoberta da nova moda. O texto é mais extenso, e nesse sentido tenta ser mais informativo do que os anteriormente analisados.

Fiz questão de selecionar uma matéria, e não uma coluna, para mostrar que tanto o assunto “moda” quanto o assunto “mulher” assumem, depois de trinta anos de publicação, outras regras e outros tratamentos por parte da editoria do *Caderno B (Jornal do Brasil, 15/09/1985, Caderno B: p. 10)*. Além do mais, dá voz ao estilista, assumindo claramente a postura representativa para si e declarativa para seu entrevistado, que vira sujeito também da enunciação, tirando a responsabilidade das mãos do redator. Não mais presas a páginas e colunas, há outra referência de moda no mesmo número, na primeira página do caderno, que é assinada por Iesa Rodrigues e diz que “a velha sunga já era: agora, a moda é tanga”. Para ilustrar, duas fotos, uma antiga do Gabeira usando sua tanga de crochê, e outra atual de um modelo na praia vestindo a mais nova tendência das praias: a sunga indiana. Talvez tenha migrado para a primeira página por se tratar mais de comportamento ou modismo do que de moda propriamente dita.

Nessas décadas de segundo caderno, a mudança do parâmetro para criar tendências brasileiras da moda começou em afinidade com os moldes norte-americanos, sem deixar de lado a alta costura francesa que desde os primórdios encanta as mulheres pela elegância da precisão de seu caimento. Os estilistas no Brasil foram se deslocando do Centro, imediações ainda do antigo pólo em torno da rua do Ouvidor, para Copacabana - Mônaco, Laís, Cherazade, Ruban Bleu -, e depois finalmente para Ipanema. Lelé da Cuca nasceu em Copacabana e hoje está em Ipanema; Mariazinha foi uma das primeiras por lá. E coincidentemente outra revelação das mulheres do *JB* é esta que nos leva novamente à época de auge do caderno ser a mesma da efervescência ipanemense.

Nessa perspectiva, Milton José Pinto argumenta que “cada vez mais as ciências sociais vêm se dando conta que as práticas sociais de produção-circulação-recepção de discursos são fundamentais na criação, manutenção e mudança das representações, identidades e relações sociais” (PINTO, 2002: p. 9). A seção de moda feminina dentro das publicações do *Caderno B*, formam uma trama, em que são alinhavadas histórias de vida das jornalistas ou redatoras, negociadas com os tons das cartas e respostas de reconhecimento de suas leitoras. Lurie que alinhava o argumento central de seu estudo na crença de que a roupa que vestimos cotidianamente revela um expressivo sistema de signo, alega que:

... a maneira de vestir é um idioma, deve ter um vocabulário e uma gramática como qualquer outro. Assim como no discurso humano, é claro que não existe uma única língua das roupas, mas várias: algumas (como holandês e alemão) estão intimamente relacionadas e outras (como o basco) são quase exclusivas. Em cada língua das roupas há vários dialetos e sotaques diferentes, alguns quase ininteligíveis a membros da cultura mais aceita. Além disso, assim como no discurso falado, cada indivíduo tem seu próprio estoque de palavras e emprega variações pessoais de tom e significado (LURIE, 1997: p. 19-20).

As páginas femininas de moda, desde a criação do *Caderno* até a década de 1970 sempre ficaram a cargo de mulheres, a despeito de outros jornais terem homens que cobriam os desfiles das passarelas brasileiras ou parisienses: todas “meninas do B”.

Quanto ao contexto do *Jornal do Brasil*, o diretor executivo Nascimento Brito - genro de Maurina Dunshee de Abranches, dona do jornal por herança de seu marido conde Pereira Carneiro -, sofre, nessa virada da década de 1970-80, um derrame e fica hemiplégico (SCHUMACHER e BRAZIL, 2000). Ele retorna às atividades auxiliado pelo filho mais velho José Antônio. A tradição da empresa e em geral da imprensa brasileira, com raras exceções, continua com homens ocupando postos de destaque. A condessa Pereira Carneiro falece em cinco de dezembro de 1983, na cidade de Brasília, e isso gera mais autonomia de Nascimento Brito que passa a responder pela direção do *Jornal do Brasil*.

A despeito de ser o genro que cuidava diretamente do jornal nessa última fase da vida, a condessa não deixou de freqüentar a redação. Maurina teve em vida reconhecimento pelo seu apoio e tino de administração quanto à reforma gráfica do *Jornal do Brasil*, e nos anos do governo autoritário brasileiro enfrenta com coragem situações difíceis, e consegue manter a empresa. Como na comentada noite do dia trinta e um de março de 1964, quando fuzileiros navais entraram no prédio, quando ela dirige-se ao comandante da tropa dizendo-lhe para tomar conta do *Jornal do Brasil* na sua ausência (SHUMACHER e BRAZIL, 2000: p. 166-167).

Contudo, a tradição do *Jornal do Brasil* nomeia somente homens para postos de destaque no segundo caderno. Essas charmosas “meninas do B” participaram ativamente, mesmo que de dentro das redações, do movimento feminista em prol da redemocratização e por direitos de cidadania e igualdade em meados dos anos 1980. Mas, a despeito dos avanços da mulher em relação ao mercado do trabalho, pretendendo igualar-se em direitos ao gênero oposto apesar dessas efetivas conquistas, nenhuma delas ocupa o cargo de editor no *Jornal do Brasil* nesse período. Ao menos o *Correio da Manhã* teve Germana de Lamare no cargo do *Segundo Caderno*, na segunda metade da década de 1960. No *Caderno B*, elas tardiamente conseguem alcançar o comando: como vimos, sua primeira editora é Regina Zappa, em 1996.

Assim, nessas duas décadas e meia, muda o lugar social da mulher, muda sua experiência do mundo, o feminino invade os territórios do masculino sem deixar de preservar os limites da casa. No entanto, faltou definir um contorno harmônico que lhe permitisse a totalidade da representação do gênero.



### Referências bibliográficas:

ABREU, Alzira. “Elas ocuparam as redações”. In: ABREU, Alzira e ROCHA, Dora (orgs.) *Elas ocuparam as redações: depoimentos ao Cpdoc*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

B., F. O. “Mulher” In: *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

BERQUÓ, Elza. “Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica” In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GIULANI, Paola Cappellin. “Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira”. In: DEL PRIORE, Mary (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. *Caderno B do Jornal do Brasil: trajetória do segundo caderno ne imprensa brasileira (1960-85)*. Rio de Janeiro, Programação de Pós-Graduação em História Social /UFRJ, 2006 (tese de doutorado).

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. “Nas redes do conceito de gênero” In: LOPES, M. J., MEYER, D. E. e WALDOW, V. R. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATOS, Mara Izilda Santos de. “Estudos de gênero: estudos e possibilidades na historiografia contemporânea” In: *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, 1998, n. 11.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. “Territórios do feminino”. In: *A transgressão do feminino: ensaios sobre o imaginário e as representações da figura feminina*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1989.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker, 2002. 2ª ed.

ROCHA, Paula Melani. “A profissionalização no jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no estado de São Paulo”. In: *Revista Jurídica eletrônica UNICOC*: disponível em [www.revistajuridicaunicoc.com.br/midia](http://www.revistajuridicaunicoc.com.br/midia).

SCHUMAHER, Shuma e BRAZIL, Érico Vital (org.) *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SUBTIL, Filipa. “As mulheres jornalistas” In: *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>

### **Publicações do *Jornal do Brasil*:**

“A presença da mulher no *Caderno B*”. In: *Nós do JB*. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, fevereiro de 1976, n. 21, p. 1.

RITO, Lucia e TINOCO, Pedro. “O caderno deu espaço às mulheres e até hoje ‘as meninas do B’ são maioria”. *Jornal do Brasil*, 15/09/1990, p. 11.

*Jornal do JB*, Ano VII, n. 68, abril de 1971, p. 4.

### **Depoimentos à autora:**

Regina Zappa. Rio de Janeiro, 04/09 e 13/09/2002.

Mara Caballero. Rio de Janeiro, 06/11/2002.

Lena Frias. Rio de Janeiro, 08/11/2002.

Germana De Lamare. Rio de Janeiro, 07/11/2002.

Moacyr Andrade. Rio de Janeiro, 25/09 e 30/10/2002.

Marina Colasanti. Rio de Janeiro, 01/10 e 04/10/2002.

Cleusa Maria. Rio de Janeiro, 09/12/2002.

Susana Schild. Rio de Janeiro, 01/04/2003.

Léa Maria. Rio de Janeiro, 03/04/2003.

Heloísa Castelo Branco. Rio de Janeiro, 13/08/2003.

Gilda Chataignier. Rio de Janeiro, 13/11/2003.

Arlette Chabrol. Paris, França (por e-mail), 11/11 e 21/11/2003.

Heloísa Sabin. Rio de Janeiro (ao telefone), 01/12/2003.

Joëlle Rouchou. Rio de Janeiro, 10/03/2004.

Maria Lucia Rangel. Rio de Janeiro, 30/08/2004.

\* \* \*

### **Como citar:**

SOUZA LIMA. Patrícia Ferreira de. “Meninas do B” no caderno de cultura do *Jornal do Brasil* da abertura política (1974-1985). *Revista Transversos*, Rio de Janeiro, Vol. 03, nº. 03, pp. 59-76, out.-mar. 2014/2015. Disponível em: <[www.transversos.com.br](http://www.transversos.com.br)>. ISSN 2179-7528.